

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL – UEMS**

**PRÓ-REITORIA DE ENSINO – PROE**

**UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE DOURADOS**

**CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA**



**“ADIVINHA O QUE EU TROUXE HOJE?”:**

**PROJETO ACOLHENDO OS BEBÊS**

**THAIS ALESSANDRA RIBEIRO DE OLIVEIRA WENDLAND**

**DOURADOS – MS**

**2015**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL – UEMS**  
**PRÓ-REITORIA DE ENSINO – PROE**  
**UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE DOURADOS**  
**CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA**

**“ADIVINHA O QUE EU TROUXE HOJE?”:**  
**PROJETO ACOLHENDO OS BEBÊS**

**THAIS ALESSANDRA RIBEIRO DE OLIVEIRA WENDLAND**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito obrigatório para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia, tendo como orientadora a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Giana Amaral Yamin.

**DOURADOS – MS**

**2015**

## Ficha Catalográfica

W497a Wendland, Thais Alessandra Ribeiro de Oliveira.

“Adivinha o que eu trouxe hoje?” Projeto acolhendo os bebês. Thais Alessandra Ribeiro de Oliveira Wendland. Dourados, MS: UEMS, 2015.

20p. ; 30 cm.

Artigo. (Graduação) – Pedagogia – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2015.

Orientadora: Profª Drª Giana Amaral Yamin.

1.Educação Infantil 2.Bebês 3.Acolhida. I. Título.

CDD 23. ed. 372.054

## **FICHA DE APROVAÇÃO**

THAIS ALESSANDRA RIBEIRO DE OLIVEIRA WENDLAND

“ADIVINHA O QUE EU TROUXE HOJE?”

PROJETO ACOLHENDO OS BEBÊS

Este trabalho de conclusão de curso – TCC do curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul foi submetido à Banca Examinadora, como requisito obrigatório para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia, sendo aprovado com conceito: aprovada.

Dourados (MS), 03 de dezembro de 2015.

---

Profª Drª Giana Amaral Yamin - UEMS

Orientadora – Presidente da Banca

---

Profª. Drª Débora de Barros Silveira - UEMS

Membro da Banca

---

Profª. Drª Maria Eduarda Ferro - UEMS

Membro da Banca

## **“ADIVINHA O QUE EU TROUXE HOJE?”: PROJETO ACOLHENDO OS BEBÊS**

Thais Alessandra Ribeiro de Oliveira Wendland<sup>1</sup>

Giana Amaral Yamin<sup>2</sup>

### **Resumo**

Este trabalho apresenta uma experiência vivenciada com crianças da Educação Infantil, matriculadas em uma turma de Berçário II. Analisa a hipótese de um projeto que desenvolveu atividades pedagógicas para o momento de chegada dos bebês a um centro de educação infantil. A experiência, a qual almejou ampliar conhecimentos sobre o trabalho com bebês, aprofundar estudos sobre a Educação Infantil e avaliar uma proposta para o momento diário de acolhimento, ocorreu no ano de 2012, durante dois meses, em uma instituição municipal da cidade de Dourados (MS). Como resultado, observou-se a importância das atividades de acolhida para o momento de chegada dos bebês à instituição, durante todo ano letivo, bem como, as aprendizagens que as mesmas proporcionaram às crianças.

**Palavras-Chaves:** Educação Infantil, Bebês e Acolhida.

### **Introdução**

No ano de 2012, enquanto cursava o Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), atuei estagiária em um Centro de Educação Infantil (CEIM), pela Prefeitura Municipal de Dourados, por meio da Lei 11.788 (BRASIL, 2008). A experiência é oficializada com a UEMS por um termo de compromisso de estágio, sem vínculo empregatício, cuja experiência objetiva possibilitar aos estudantes a preparação para a vida cidadã e o trabalho, como constam nos termos da lei.

Entre as funções que desempenhei nesse período, auxiliei as atividades desenvolvidas pela professora do Berçário II e, ao mesmo tempo, fui designada a receber os bebês no momento que eles chegavam à instituição. Nesse período, no horário das seis e meia às sete horas e trinta minutos, eu ficava sozinha e enfrentava inquietação gerada pelo choro das crianças, pois, para elas era difícil despedir-se dos adultos. Essa situação, na condição de estagiária e aluna da UEMS foi se tornando a cada dia, mais difícil, pois muitos bebês

---

<sup>1</sup> Acadêmica do 4º ano do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. E-mail: thais\_wendland@hotmail.com.

<sup>2</sup> Professora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Doutora em Educação/Orientadora. E-mail: giana@uems.br.

choravam ao mesmo tempo.

Para enfrentar o problema, elaborei orientada pela Profa. Giana Amaral Yamin, um projeto que teve como objetivo desenvolver uma proposta pedagógica para os bebês no momento da chegada à instituição. Essa experiência é descrita e analisada neste Trabalho de Conclusão de Curso, que objetiva ampliar meus conhecimentos sobre o trabalho com os bebês; aprofundar estudos sobre a Educação Infantil e avaliar uma proposta para o momento diário de acolhimento dos bebês à creche.

### **Caminhos percorridos**

O Projeto, intitulado “Adivinha o que eu trouxe hoje?”: projeto acolhendo os bebês, desenvolvido no ano de 2012, ocorreu durante dois meses, com a participação de treze crianças, entre zero a dois anos de idade, matriculado na turma do Berçário II, em um Centro de Educação de Educação Infantil, localizado no município de Dourados, estado de Mato Grosso do Sul.

As atividades foram realizadas na sala de entrada da sala turma. Construí materiais e organizei o espaço físico de forma que, quando os bebês chegavam à instituição, eles se deparavam com atividades que os envolvessem.

Para analisar a proposta, registrei a experiência por meio de imagens fotográficas e em um caderno de bordo que foi trabalhoso, pois no mesmo instante em que eu desenvolvia as atividades, realizava os registros do processo. Além disso, também precisei fazer a limpeza do espaço após realizá-las. Todos os dados foram coletados com autorização dos pais ou responsáveis pelas crianças.

O artigo está organizado em três partes: o primeiro item descreve a instituição na qual realizei o projeto, bem como os bebês e como era a acolhida antes de eu realizar minha proposta. O segundo item apresenta o referencial teórico que direcionou o planejamento e o terceiro descreve a análise algumas das atividades, seguido das considerações finais.

#### **1- Apresentando o espaço e o universo**

O projeto foi desenvolvido em um CEIM – Centro de Educação Infantil Municipal em um bairro da cidade de Dourados (MS). Funcionava em uma casa improvisada, alugada pela Prefeitura Municipal, sem estrutura para receber as crianças.

Na data da realização da experiência, seus cômodos eram pequenos em relação à quantidade de crianças que a instituição recebia. Não possuía parque e não havia tanque de areia. Havia poucos brinquedos e muitos deles eram oriundos de doações dos pais, o que oferecia riscos, devido ser o tipo de material sem inspeção do Inmetro. Dois escorregadores e um castelinho de plástico. O espaço externo era pequeno para as crianças brincarem. Os banheiros não tinham vasos sanitários adaptados. A cozinha não oferecia estrutura necessária.

No ano de 2012, o CEIM atendia um total de setenta e duas crianças (72), nos períodos matutinos e vespertinos. Sendo trinta e duas (32) no Pré-Escolar, onze (11) no Maternal I, dezesseis (16) no Maternal II e treze (13) no Berçário II.

A situação da sala do Berçário II não era diferente. Somente ele funcionava em uma edícula construída ao fundo, sem estrutura para receber os bebês. O banho e troca eram realizados em banheiras de plástico e o trocador era adaptado por uma carteira escolar com apoio de colchonete. Não havia entrada para o sol. As paredes estavam deterioradas devido à umidade. O espaço interno era pequeno, com tudo improvisado, indicando um desrespeito em relação às orientações nacionais para a Educação Infantil. Neste particular, KISHIMOTO, FREYBERGER (2012) recomendam “os ambientes para crianças pequenas devem estar em consonância com as atividades que são por elas exercidas e com o respectivo currículo da Educação Infantil”. Da mesma forma, BARBOSA (2010, p. 08) orienta que,

[...] ao organizar a sala para os bebês pequenos, é importante arranjar pequenos espaços, confortáveis, com espelho, tapetes, rolinhos, almofadas, que possam auxiliar na sustentação das crianças e favorecer seus movimentos. Tal espaço é organizado para que as crianças interajam com outras crianças, brinquem com os objetos e brinquedos podendo, assim, vivenciar diferentes experiências.

Na época do desenvolvimento do projeto, o espaço do CEIM não contribuía com as atividades da turma. Na sala de entrada só havia um tapete, no qual era realizada a acolhida das crianças e foi a partir desta situação que começou a minha inquietação, pois, às seis horas e trinta minutos chegavam vários bebês ao mesmo tempo, e como não havia nenhuma atividade planejada, era impossível conter o choro pela separação dos pais. O resultado eram crianças agitadas, inseguras, e sem nenhum bem estar e conforto para ingressar ao CEIM.

Autores consultados indicam que o momento de acolhida dos bebês em seus primeiros dias na creche (e avalio que todos os demais) deve proporcionar bem estarem, fazendo com que eles se sintam cuidados, confortáveis e, acima de tudo, seguros. Entre eles, Kishimoto, Freyberger (2012, p.109), sugerem que um ambiente educativo respeite “[...] a pedagogia das relações, de bebês e crianças pequenas que adquirem experiências ricas em um

mundo de afetos, de relações positivas e desafiadoras, de fantasias e encantamentos [...]”. Isso demandaria, tendo como base as autoras, promover estas relações nos espaços de educação infantil, para que os bebês, neste caso, pudessem vivenciar experiências.

A Política Nacional de Educação Infantil (BRASIL, 2006) tem, entre seus objetivos, assegurar a qualidade do atendimento em instituições de Educação Infantil, deixando clara a necessidade que este ambiente esteja em consonância com o público o qual irá receber. Assim, tratando-se, de bebês, o espaço institucional, para atendê-los, precisa respeitar suas especificidades.

## **2- Os bebês e a educação infantil**

O deslocamento diário das crianças de casa ao CEIM gera momentos de separação da família e da sua casa, independentemente do tempo que elas frequentam a instituição. Isso se agrava por situações inesperadas que as afastam provisoriamente da rotina - como férias, doenças, feriados prolongados e finais de semana. Por isso, “A ansiedade da separação [...] pode ocorrer também com uma criança que já frequenta a creche há algum tempo e é vista como alguém ‘acostumada’” (GOLDSCHMIED; JAKSON, 2006, p. 65-66).

Muito se fala sobre os cuidados que devemos ter quando as crianças ingressam à instituição no início do ano letivo – denominado como momentos de adaptação ou de acolhida. O documento Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) aponta a necessidade de um planejamento consistente que minimize a ansiedade das crianças, dos pais e das professoras (BRASIL, 1998c, vol. I).

A partir de tais orientações, acreditamos que a realização de planejamento sistematizado que organize a chegada diária das crianças à instituição deve ser ocorrer durante todo o ano letivo como atividade permanente, pois as crianças deslocam-se para irem ao CEIM com frequências intervaladas - diárias finais de semana, feriados ou férias momentos de transição casa-instituição-casa com características e tempos próprios para cada uma delas.

Além disso, o planejamento de atividades para os momentos da chegada das crianças ao CEIM é um direito das crianças e faz parte da rotina da Educação Infantil, permeado de muitas situações: pelo contato das famílias com a professora; pelo recebimento das crianças, pelo aguardo (por aquelas que já chegaram) do restante da turma; pela organização do material que as crianças trazem de casa (mochilas, lanche); pela troca de roupas, entre tantas. E, para evitar que esses momentos sejam de “espera” é preciso um



planejamento, tendo a criança, sempre, como foco do processo. Abramowics E Wajskop (1995) mencionam que: “[...] planejar atividades e propor uma organização de tempo e do espaço possibilita que as crianças compreendam, sintam-se seguras [...]”. No caso do CEIM no qual estagiei, se houvesse um planejamento diário, o momento da acolhida não provocaria choro e insegurança para os bebês.

É importante ressaltar que as atividades, por mais bem planejadas, se não forem permeadas pela exploração de materiais, ou seja, pela mediação da professora, não terão seus objetivos alcançados. BARBOSA (2010) orienta que as intervenções dos adultos facilitam as relações sociais, transmitem as possibilidades das brincadeiras em sua multiplicidade e riqueza, somadas à exploração da linguagem oral e da capacidade de locomoção das crianças.

Com base nas orientações dos autores consultados podemos afirmar que o planejamento e a mediação precisam andar juntos. Quando trabalhamos com bebês, e no momento da acolhida, essas ações são indispensáveis para promover a interação, a socialização e o cuidado nas propostas diárias. Os estudiosos indicam que o momento de acolhida de bebês na creche deve proporcionar bem estarem, fazendo com que eles se sintam cuidados, confortáveis e, acima de tudo, seguros. Sobre a questão, ORTIZ (2010, p. 04 - 05) aponta que,

O acolhimento é o princípio de tudo. O acolhimento traz em si a dimensão do cotidiano, acolhimento todo dia na entrada, acolhimento após uma temporada sem vir à escola, acolhimento quando algum imprevisto acontece e a criança sai mais tarde, quando as outras já saíram, acolhimento após um período de doença, acolhimento por que é bom ser bem recebida e sentir-se importante para alguém. Quando somos acolhidos, bem recebidos, em qualquer lugar, em geral nossa reação é de simpatia e abertura, esperando o melhor daquele ambiente daquelas pessoas. Quando ao contrário somos recebidos friamente, nossa tendência é também ignorar, não se envolver, passar despercebidos. E o que acontece quando somos mal recebidos? A gente jura não voltar mais àquele lugar.

Além disso, como esperar que os bebês retornassem ao CEIM, se não for bem acolhido? Partindo desse pressuposto, decidimos desenvolver uma proposta que atendesse as necessidades e as especificidades da turma do Berçário II no ano de 2012. Acreditamos como ensina BARBOSA (2010, p.02), que “[...] os bebês humanos quando chegam ao mundo necessitam um longo período de atenção e cuidado para sobreviver. Um dos grandes compromissos dos adultos, que já habitam neste mundo, é o de oferecer acolhimento para estes novos integrantes da sociedade [...]”.

Desse modo, visualizamos que o acolhimento é à base de proporção de bem estar. Quando se chega ao CEIM pela primeira vez, a entrada e saída da instituição, transição entre a creche e o lar, deve receber atenção especial, valorizando-se vínculos e ritmos das crianças, neste caso dos bebês. Para entendermos quais são as suas necessidades e especificidades precisaram conhecer as especificidades das crianças matriculadas em berçários. É importante sabermos que

Bebê é a denominação para a primeira fase da vida da criança [...] é um ser vulnerável que precisa de muito carinho, atenção e acolhimento, mas sabe tomar decisões, escolhe o que quer, gosta de explorar novas situações, é criativo e muito curioso. Durante esse período, os bebês apresentam especificidades importantes a serem consideradas no planejamento das brincadeiras. [...] permanecem ainda deitados, outros já sentam ou engatinham, depois começam a andar [...] interagem com outros bebês, com as crianças maiores e com a professora, inicialmente com olhares, gestos, sorrisos e balbucios, depois com a linguagem oral. Sua curiosidade os leva a explorar buracos, caixas, túneis ou coisas para entrar dentro, repetir ações como empilhar, bater, puxar ou empurrar, colocar e tirar objetos, olhar objetos brilhantes, coloridos e coisas que se movimentam ou produzem sons [...] movimentam-se para atender seus interesses e necessidades, exploram brinquedos e materiais, utilizam o corpo, a boca, as mãos e os sentidos, engatinham ou andam na direção de objetos e pessoas de seu interesse e se envolvem com as coisas que lhes chamam a atenção (KISHIMOTO, FREYBERGER, 2012, p.120).

No entendimento de BARBOSA (2010, p. 02), a “[...] idade biológica ou cronológica não pode ser a única referência para definir até quando um ser humano pode ser denominado de bebê, pois as experiências culturais afetam o crescimento e o desenvolvimento das crianças pequenas”. Sendo assim, a proposta de trabalho que desenvolvemos com bebês, foi fundamentada em acolhê-los para que estas experiências lhes proporcionassem o bem estar, o crescimento e desenvolvimento. Entendemos que,

[...] os bebês também são pessoas potentes no campo das relações sociais e da cognição, os bebês possuem um corpo onde afeto, intelecto e motricidade estão profundamente conectados e é a forma particular como estes elementos se articulam que vão definindo as singularidades de cada indivíduo ao longo de sua história. Cada bebê possui um ritmo pessoal, uma forma de ser e de se comunicar (BARBOSA, 2010, p. 02).

Os bebês de um a dois anos dedicam se em grande parte seu conhecimento por meio da exploração de seu próprio corpo, do contado com os adultos e com objetos para manuseio. As autoras Kishimoto, Freyberger (2012, p.110) definem que eles,

[...] são seres que já têm vontade, têm consciência sobre o que querem, sabem decidir e dizer o que querem. Eles ingressam no mundo da cultura por meio de interações com as pessoas e objetos e utilizam seu poder de decisão, seu corpo e os canais do conhecimento, que são seus órgãos sensoriais (o tato, o paladar, o olfato, a audição e a visão) para explorar esse mundo. Eles ampliam suas experiências por meio do uso intencional do corpo, das mãos, pés e movimentos e utilizam seu ato voluntário para investigar esse mundo.

Isso somente acontece preferencialmente em espaços adaptados e com um bom planejamento de atividades por parte de quem os recebe. Esse processo facilitará a sua inserção ao ambiente, sem lhes causar desconforto e se inicia desde o momento da acolhida, quando chegam ao CEIM.

As orientações do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil endossam que “[...] as instituições devem favorecer um ambiente físico e social onde as crianças se sintam protegidas e acolhidas, e ao mesmo tempo, seguras para se arriscar e vencer desafios” (BRASIL, 1998 a, p.15). Outro documento aponta o mesmo. As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (BRASIL, 2009) afirmam que a instituição deve ter como objetivo desempenhar suas funções para garantir o bem-estar das crianças cumprindo a função social, política e pedagógica. Por tudo isso, percebemos a necessidade de, ao chegarem à creche, os bebês possam sentir-se seguros e que esse local lhes proporcione acolhimento de tal forma que não ocorra o choro. Sua adaptação será bem mais fácil. Este momento será prazeroso e, com certeza, seu desenvolvimento será ótimo.

Organizar a chegada das crianças ao CEIM significa o respeito aos seus direitos a uma educação de qualidade, referendado por autores e documentos oficiais. Nesse contexto, “[...] o planejamento cuidadoso da entrada da criança na escola deve ser inerente ao projeto educativo da instituição, um indicador de qualidade do serviço prestado” (ORTIZ, 2000, p. 05, grifos nossos). Essa realidade não era evidenciada na minha experiência no ano de 2012.

Em se tratando, especificamente, da organização do período de adaptação dos bebês à creche, no início do ano/semestre, o RCNEI indica ações para ajudar a organizar a rotina e a diminuir a ansiedade - como atender as crianças de forma individualizada; permitir a permanência de objetos que estabeleçam vínculos entre casa-instituição bem como incentivar a presença esporádica de uma referência familiar. Somado a isso, é fundamental oferecer “[...] atenção especial às crianças, nesses momentos de choro, pegando no colo ou sugerindo-lhes atividades interessantes” (BRASIL, 1998, b, p. 82).

Posto isso, a organização do espaço, do tempo e das atividades para receber as crianças à instituição podem ser organizadas na forma de atividades permanentes, ou seja,

aquelas “[...] que respondem às necessidades básicas de cuidados, aprendizagem e de prazer para as crianças, cujos conteúdos necessitam de uma constância” (BRASIL, 1998 b, p. 55).

### **3. O desenrolar do projeto**

Como abordado, o projeto intitulado, “Adivinha o que eu trouxe hoje?”: acolhendo os bebês, ocorreu no ano de 2012, durante dois meses, com treze crianças, entre zero a dois anos de idade e teve como objetivo desenvolver uma proposta pedagógica no momento da chegada das crianças à instituição, ou seja, no momento da acolhida, no qual atuava como estagiária e enfrentava a inquietação gerada pelo choro dos bebês todos os dias.

Foram desenvolvidas atividades diárias, entre elas: leituras; exploração com tintas e suportes (pincel, escova de dente e esponja); bolinhas de sabão, brincadeiras com caixas de papelão e cornetas (rolinhos de papel toalha); degustação de alimentos (limão e mel, salada de frutas e de legumes crus e cozidos); exploração de túnel, de papéis (folhear e rasgar revistas); brincadeiras com fantasias; músicas, vivência com animais (pintinho, peixe e tartaruga).

Todos os dias, antes de começar, eu fazia a mesma pergunta a todos os bebês que chegavam: “Adivinha o que eu trouxe hoje?”, e a resposta sempre ocorria por meio da expressão de um rostinho curioso e, ao mesmo tempo, encantado, quando eles contemplavam a atividade. Nesse artigo, descrevo e analiso cinco delas.

Pautada nas indicações de Gobbi (2010, p.01), de que, “Desde que nascem as crianças estão mergulhadas em contextos sociais diversos que lhes apresentam aromas, sons, cores, formas, texturas, gestos, choros e variadas manifestações culturais e expressivas que, em profusão, anunciam o mundo” apresentarei, neste item, práticas pedagógicas realizadas no momento da acolhida que contemplaram as múltiplas linguagens. Tais práticas, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil,

Favorecem a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas em vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical, também promovem o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura (BRASIL, 2009, p.25- 6).

Sendo assim, apresentamos aos bebês o mundo no qual estão inseridos, respeitando suas especificidades, necessidades e especialmente, no momento onde o choro e insegurança ocorriam com frequência.

### **3.1- Brincando com a música**

Acreditando, a partir de ORTIZ (2000), que o acolhimento da criança ao CEIM precisa ocorrer diariamente e em várias situações (após uma temporada sem vir à instituição; quando a criança demora a ir embora por um atraso dos pais; após um período de doença) e “[...] porque é bom para toda criança ser bem-recebida e sentir-se importante para alguém” (p. 05), iniciei o projeto. No primeiro dia, eu estava ansiosa para ver a reação dos bebês. Cheguei ao CEIM às seis horas e vinte minutos para organização da sala. Levei latas decoradas como se fossem tambores, bastões confeccionados com cabos de vassoura lixados e pintados. A atividade teve como objetivo brincar, cantar, imitar, inventar e reproduzir sons musicais. Sendo assim,

Deixei todas as latas e pauzinhos no tapete para receber os bebês. O primeiro a chegar foi o Edgar (era o mais novo da turma, com um ano e dois meses). Sua expressão foi de alegria quando viu as latas. Logo foi me dando os braços para vir para meu colo. Eu fiquei deslumbrada ao ver aqueles olhinhos brilhantes. Comecei a cantar as músicas (Marcha Soldado, O sapo não lava o pé e Atirei o pau no gato) enquanto ele batia as latas. Foi divertido. Como ele foi o primeiro a chegar, aproveitou muito a atividade. O interessante foi o tempo em que ele se prendeu a essa proposta (DIÁRIO DE BORDO, 2012).

O segundo bebê a chegar foi o Luiz Felipe. Estava sonolento, mas, logo acordou e, imediatamente, se envolveu na brincadeira. Em seguida, chegou a Luiza chorando e dizendo “querer a sua mamãe”. Fui até à porta para recebê-la contando que havia uma surpresa. Ela parou de chorar e entrou. Nem mesmo se despediu da mãe. Todas as crianças que chegavam sentavam na rodinha, cantavam e brincavam comigo e com os demais bebês. Desde a entrada do primeiro bebê, eu cantei e toquei. Foi um momento maravilhoso, o qual seria impossível ocorrer sem a mediação.

Avaliando a atividade, percebo, a partir dos autores e documentos consultados, entre eles o Referencial Curricular para a Educação Infantil, que um ambiente sonoro, com música realmente faz com que os bebês fiquem encantados com o que ouvem, tenta imitar e responder aos estímulos, gerando momentos significativos no seu desenvolvimento afetivo e cognitivo (BRASIL, 1998a).

Para que esta orientação ocorra, foi necessário que eu, como professora, criasse estes momentos. GOBBI (2010) diz que a criança é um ser brincante e que a música é criada ao brincar, o que de fato aconteceu com a experiência vivida. Constatei também que a música na educação infantil mantém forte ligação com o brincar (BRASIL, 1998a).

De acordo com autores, avalio que a atividade teve seus objetivos alcançados, pois os bebês produziram sons e brincavam. A proposta mostrou também que o planejamento minimizou a separação dos pais, pois o choro deixou de existir a partir da execução da proposta. Isso ficou evidente quando Luiza chegou chorando e logo que contemplou a atividade cessou o choro, sem destacar os demais bebês que nem ao menos choraram. O prazer foi visivelmente estampado em seus olhinhos quando adentraram ao recinto e começaram a brincar.

Todos participaram intensamente das atividades com prazer. Evidenciei que as atividades musicais devem fazer parte das atividades permanentes, oportunizando o brincar com a música e não somente restringir essa atividade ao momento do café, do lanche, do almoço ou do jantar, como comumente ocorre.



Imagens 1 e 2: Exploração de instrumento de musicais de sucata.  
Fonte: Acervo do Pesquisador, 2012.

### **3.2- Experimentando novas sensações, gostos e sabores.**

Na segunda atividade do projeto, eu estava menos ansiosa, pois já havia percebido o interesse das crianças. Cheguei às seis horas e vinte minutos. Levei legumes crus, cozidos, ralados e picados (cenoura, chuchu, beterraba), ovos cozidos fatiados e tomate sem pele e sem semente. Forrei as mesinhas com papel manilha e coloquei os legumes em pratos separados. Também levei talheres pequenos (sem fio de corte e pratinhos) deixando tudo sobre a mesa. A

proposta teve como objetivos experimentar e observar alimentos; estimular os sentidos, tato, olfato e paladar e brincar de misturar e experimentar.

O Edgar foi o primeiro a chegar. Logo foi sentando – se próximo à mesa. Quando viu os legumes, pegou-os com as mãos e os pôs na boca. Fez careta, mas provou. O Luiz chegou, e não foi diferente. Seus olhinhos brilhavam diante daqueles pratinhos. Ficou tão feliz que não parou de me mostrar que estava comendo e pondo no pratinho. O Giovanni, assim que chegou, foi comendo tudo. Misturavam no prato e comiam com gosto. Quem mais gostou foi a Izabelly. Comeu bastante beterraba e cenoura, cozida e crua. Já o Gustavo pouco se envolveu. Posso avaliar que as crianças experienciaram novas sensações, gostos e sabores (DIÁRIO DE BORDO, 2012).

As crianças permaneceram próximas à mesa de estimulação até às sete horas e trinta minutos, horário que foi servido o café. A atividade teve duração de uma hora. Elas comeram, misturaram os alimentos utilizando a colher e as mãos. Cortaram com faquinhas, colocaram tudo no prato e provaram, sem falar na “bagunça” que fizeram no chão. O melhor é que nesse dia ninguém chorou para ficar no CEIM. Neste caso, a atividade teve seu objetivo alcançado: os bebês se envolveram completamente e, o melhor de tudo, aprendeu brincando.

Avalio que brincar com frutas e legumes possibilitou como indicam Kishimoto, Freyberger (2012) experiências que encantaram os bebês por seus odores, sabores e o colorido. Daí a necessidade de valorizarmos a presença de legumes de diferentes consistências e coloridos, como cenoura, beterraba e tomate, como promotores de experiências. Além disso, segundo as orientações do RCNEI, o ato de oferecer alimentos às crianças possibilitam inúmeras oportunidades de aprendizagens, como a coordenação motora, a independência, além de lhe propiciar afeto e segurança.

O ato de alimentar tem como objetivo, além de fornecer nutrientes para manutenção da vida e da saúde, proporcionar conforto ao saciar a fome, prazer ao estimular o paladar e contribuir para a socialização [...] Além disso, é fonte de inúmeras oportunidades de aprendizagem. Compreendendo a criança como ser ativo nesse processo, o adulto pode propiciar experiências que possibilitem a aquisição de novas competências em relação ao ato de alimentar-se. [...] a criança que recebia papa com ajuda do adulto começa a mostrar interesse em segurar a colher, em pegar alimentos com os dedos e pôr na boca. É muito importante que os professores permitam que a criança experimente os alimentos com a própria mão, pois a construção da independência é tão importante quanto os nutrientes que ela precisa ingerir. A oferta de alimentos nesta fase precisa ser feita em ambientes mais tranquilos, em pequenos grupos, com acompanhamento mais próximo do professor, que propicia segurança afetiva e ajuda (1998 b, p.54-55).

A experiência gerou um momento desafiador aos bebês, com resultados surpreendentes. Eles manipulavam os legumes, comeram e derramaram no chão. a atividade

foi maravilhosa, teve seus objetivos alcançados, tanto em relação às aprendizagens das crianças quanto ao afastamento do choro. Os bebês experimentaram sensações, gostos e sabores e brincaram.



Imagens 3 e 4– Degustação legumes.  
Fonte: Acervo do Pesquisador, 2012.

### 3.3- Brincando e cantando com balões

Cheguei às seis horas e trinta minutos ao CEIM. Planejei para o momento da acolhida a exploração de balões coloridos e os deixei sobre o tapete da sala próximo à porta da sala de entrada do Berçário II. Edgar chegou primeiro e, imediatamente, sentou-se em meio ao material. Enquanto jogava os balões pra cima, eu cantava a música “Cai, cai balão”. Nesse dia, os bebês chegaram quase todos nos mesmo horário e, assim que viram os balões, saíram do colo dos pais e se envolveram nas brincadeiras. Somente o Bryan chorou, mas por pouco tempo.

Na sequência, amarrei barbante em alguns balões e os coloquei nos pulsos dos bebês maiores. Cantamos “Cai, cai balão”, mencionando os nomes de cada criança. Logo em seguida, escrevi os nomes dos bebês nos balões, distribui canetões pra eles desenharem. Eles ficaram por um bom tempo rabiscando os balões. A Evelyn já estava sem frequentar o CEIM há vinte dias e quando vinha chorava. Nesse dia, quando chegou à porta e viu todos os balões, desceu do colo do pai sem chorar. O pai mencionou “surpresa”!

Os bebês brincaram com o material até à hora do café. Quando retornaram, pediram os balões. Entreguei a eles. Quando o material ficou desinteressante, recolhi e decorei a sala e o hall de entrada. Depois, usei os mesmos balões durante a manhã para



explorar os nomes dos bebês e cores, primeiro apontava para o balão amarelo dizer ser o balão da Luíza e assim com todos os demais, em seguida perguntava de quem era o balão amarelo e eles apontavam para a Luíza.

Concluí que a atividade foi proveitosa, obtive resultados positivos. Somente um bebê chorou, mas, por pouco tempo. Houve interação, socialização, envolvimento e, o melhor, as crianças brincaram muito.

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais. (BRASIL, 1998 b, p.23)

Aprendi que brincar é fundamental na Educação Infantil, pois nesse momento ocorrem trocas, “[...] as crianças convivem com diferenças, se dá o desenvolvimento com suas diferenças, se dá o desenvolvimento da imaginação e da linguagem, da compreensão e apropriação de conhecimentos e sentimentos” (ABRAMOWICS e WAJSKOP, 1995, p.59).



Imagens 5 e 6 – Brincando e desenhando no balão.  
Fonte: Acervo do Pesquisador, 2012.

### 3.4 - Brincando e conversando com fantoche

Para desenvolver a atividade proposta, também cheguei antecipadamente, por volta de seis horas e vinte e cinco minutos. Levei fantoches para explorá-los com as crianças

no momento da acolhida: uma menina negra e um menino ruivo. A atividade teve como objetivos promover momentos para comunicação com e das crianças.

Recebi as crianças utilizando a “fala dos fantoches” para cumprimentá-lo “Bom dia Edgar!” Eles apreciaram conversar com os fantoches. O Edgar foi o que mais se envolveu. O Luís Felipe oferecia de tudo a eles, como bolacha e o brinquedo que trazia. A expressão nos seus rostinhos foi agradável. Cantei com os fantoches, mostrei os pés, a boca e os olhinhos. Eles tiraram e colocaram os sapatos nos fantoches. E, mesmo quando a estagiária ou a professora se dirigiam a porta pra receber as crianças, eu as cumprimentava de onde eu estava, com os bebês ao meu redor, próximos aos fantoches (DIÁRIO DE BORDO, 2012).

Neste dia, o Luiz Gustavo, demonstrou um envolvimento importante. Parecia estar deslumbrado. Observou, gesticulou e até tentou dizer algumas palavras. Fiquei emocionada. Nenhum bebê chorou. Todos se envolveram e participaram. Despediram-se dos fantoches no momento que saíram para o café e quando retornaram perguntaram, “Cadê? Apontando para caixas onde eu os guardava”. Esses materiais, de acordo com Kishimoto e Freyberg (2012, p. 32) “[...] desencadeiam o imaginário e o mundo de interações por meio da brincadeira”.

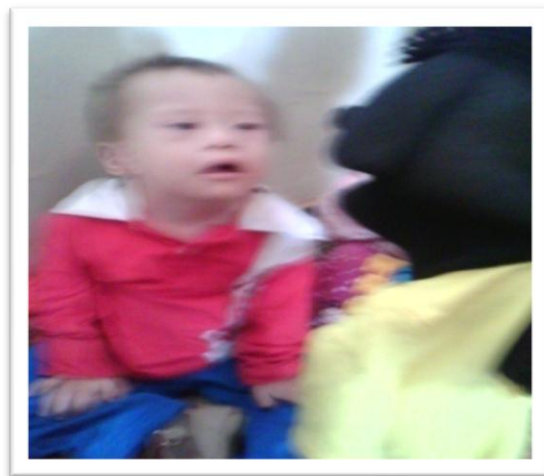


Imagem 7 e 8 - Observando e conversando com fantoche.  
Fonte: Arquivo/ registro do projeto, 2012.

### 3.5- Preparando e modelando com massinha

O período da acolhida deste dia foi proveitoso. Cheguei ao CEIM às seis horas e vinte minutos, forrei a mesa com papel manilha e deixei o material preparado para a confecção das massinhas, com ajuda do Edgar, que chegou ao mesmo horário que eu. A

atividade teve como objetivo oportunizar as crianças se expressarem por meio da modelagem, percebendo a textura, a consistência, as cores e vivenciando sensações.

Quando terminei de organizar o ambiente, o Luiz Felipe e o Giovani chegaram e colocamos “as mãos na massa”. A atividade os encantou. Eles manipularam as massinhas, sem falar na alegria de por a mão e encher os dedos. Todos participaram com prazer, cortaram, amassaram, fizeram papa nas panelinhas, como disseram, e provaram as massinhas. No período de quinze minutos chegaram dez bebês. Nenhum chorou, pois quando chegavam à porta e se deparavam com o material, deixaram o colo dos pais sem ao menos se despedir (DIÁRIO DE BORDO, 2012).

Ao pensar nos objetivos desta atividade, acreditei nas potencialidades dos bebês e me baseei nas orientações do RCNEI, percebendo ser uma ótima oportunidade para os mesmos se sentirem recepcionada na chegada ao CEIM. De acordo com documentos oficiais,

As crianças podem manusear diferentes materiais, perceber marcas, gestos e texturas, explorar o espaço físico e construir objetos variados. [...] devem ser bem dimensionadas e delimitadas no tempo, pois o interesse das crianças desta faixa etária é de curta duração, e o prazer da atividade advém exatamente da ação exploratória. Nesse sentido, a confecção de tintas e massas com as crianças é uma excelente oportunidade para que elas possam descobrir propriedades e possibilidades de registro, além de observar transformações. Vários tipos de tintas podem ser criados pelas crianças, utilizando elementos da natureza, como folhas, sementes, flores, terras de diferentes cores e texturas. [...] diversas receitas de massas caseiras com corantes comestíveis que são excelentes para modelagem. (BRASIL, 1998a, p.89).

Esta atividade foi a que mais os bebês gostaram, pois, mesmo quando voltaram do café, quiseram retornar a mesa onde estavam as massinhas. Ao final da proposta, conclui que o mais importante foi proporcionar momentos de exploração, socialização, interação e prazer aos pequenos. Em todas as atividades houve minha mediação, trabalhando com as várias linguagens, como indica o documento, Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (BRASIL, 2009).



Imagens 9 e 10 – Confeccionando e brincando com massinha de modelar.

Fonte: Acervo do Pesquisador, 2012.

## **Algumas considerações**

Diante das observações e análises dos registros do projeto, constato que o momento da acolhida é um momento que deve ocorrer diariamente na instituição, com planejamento e organização prévia da sala e de materiais. Todos os dias os bebês passavam pelo mesmo processo de separação mãe-pai/professora, momento em que havia insegurança. Contudo, quando chegavam à porta do berçário e se deparavam com as atividades planejadas, devido ao projeto, o choro deixou de ser rotina e o momento se tornou prazeroso para os bebês e para mim, que precisava recebê-los sozinha.

Entre as atividades, como já mencionei, encontrei dificuldades, resultados não esperados, mas a maioria apresentou resultados positivos. Vale ressaltar que essas atividades, permaneceram presentes no restante de todo ano no berçário. Todos os dias, na acolhida, os bebês foram recebidos com uma proposta diferente e o choro deixou de existir, mesmo quando ficavam sem ir ao CEIM por alguns dias.

As inúmeras dificuldades encontradas não me impediram de realizar o projeto com sucesso. Posso afirmar, a partir dos resultados, que é possível, desenvolver um trabalho responsável na Educação Infantil, mesmo que, o espaço e os recursos financeiros não estejam de acordo com que os documentos apontam, mas, exige-se planejamento e comprometimento para com a profissão, embora não estou afirmando que os recursos não são necessários. Um exemplo disto é que muitas atividades tiveram seus objetivos além do que esperava, pois fui convidada pela coordenadora para socializar a experiência com as outras educadoras. Isso me deixou constrangida, mas, ao mesmo tempo, feliz, pois todas as crianças do CEIM foram contempladas com o projeto.

Vale ressaltar alguns pontos negativos. O primeiro referente aos recursos enviados pela prefeitura. A falta de material era um grande problema na instituição. O material de muitas das atividades propostas tive que levar de casa para poder realizá-las. No cotidiano das professoras não havia reposição de materiais no meio do ano.

Outro ponto importante refere-se às/os “estagiários (as)”. Durante a execução deste projeto, encontrei dificuldades, como estagiária (falta de experiência e, de saber realizar um planejamento), o que seria correto ser realizado sob a orientação da professora, cuja função é a de contribuir com a formação do profissional iniciante. Devo reconhecer que se houvesse o planejamento com e pela professora eu, como estagiária, aprenderia mais, adquiriria experiência para mediar às atividades.

Por fim, o projeto me ensinou que a acolhida é o principio de tudo, deve ocorrer todos os dias na instituição, como uma atividade planejada. A Educação Infantil precisa e deve entender que não é um local para guardar as crianças, dar o banho e alimentá-las, fazendo-as esperar, esperar e esperar. Não há possibilidades de proporcionar o bem estar, o prazer e o aprendizado dos pequenos se não for com comprometimento com a profissão e com planejamento, mesmo quando o ambiente não colabora para que isso ocorra. O mais importante é atender as necessidades das crianças da melhor maneira possível. Quando isso ocorre, uma professora, mesmo sendo estagiária, tem o prazer de ouvir de um pai:

- Professora! Que milagre você fez hoje?

### **Abstract**

This work presents an experience lived with children of the Infantile Education, enrolled in a group of Nursery II. Analyze the hypothesis of a project that developed pedagogic activities for the moment of arrival of the babies to a center of infantile education. The experience, which longed for to enlarge knowledge on the work with babies, to deepen studies about the Infantile Education and to evaluate a proposal for the daily moment of reception, it happened in the year of 2012, for two months, in a municipal institution of the city of Dourados (MS). As result, the importance of the welcome activities was observed for the moment of arrival of the babies to the institution, for school every year, as well as, the learnings that the same ones provided to the children.

**Word-key:** Infantile education, Babies and Welcome.

## Referências

ABRAMOWICZ, Anete. WAJSKOP, Gizela. **Creches**: atividades para crianças de zero a seis anos. São Paulo. Moderna, 1995.

BARBOSA, Maria Carmem. **As especificidades da ação pedagógica com os bebês**. (2010). Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=1096&id=15860&option=com\\_content&view=article](http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=1096&id=15860&option=com_content&view=article)>. Acesso em 15 de junho de 2012.

BRASIL. Ministério da educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998a, vol.3.

BRASIL. Ministério da educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998b, vol.2.

BRASIL. Ministério da educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998c, vol.1.

BRASIL. Ministério da Educação e do desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Manual de orientação pedagógica**: Brinquedos e brincadeiras da creche. Brasília: MEC/SEF, 2012.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. **Lei n. 11.788, de 25 de setembro de 2008**. Dispõe sobre o estágio de estudantes... Brasília, DF, 25 de set. de 2008. Disponível em < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm) >. Acesso em 15 de junho de 2012.

GOLDSCHMIED; Elinor. JAKSON, Sonia. **Educação de 0 a 3 anos**: o atendimento em creche. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GOBBI, Márcia. **Múltiplas linguagens de meninos e meninas no cotidiano da educação infantil** (2010). Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=1096&id=15860&option=com\\_content&view=article](http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=1096&id=15860&option=com_content&view=article)>. Acesso em 11 de Outubro de 2012.

ORTIZ, Cisele. **Adaptação e acolhimento**: um cuidado inerente ao projeto educativo da instituição e um indicador de qualidade do serviço prestado pela instituição. 2010. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/acolhida-cisele-ortiz.pdf>. Acesso em 02 de junho de 2012.

ORTIZ, Cisele. **Entre adaptar-se e ser acolhido**. In: Revista Avisa-lá. 2000. Disponível em <<http://avisala.org.br/index.php/assunto/jeitos-de-cuidar/entre-adaptar-se-e-ser-acolhido/>>. Acesso em 15 de junho de 2012.